

#15 A Liberação da Origem Dependente – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #15

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Como se Constroem e Desconstroem os Seres, as Identidades

Eu queria trazer um exemplo de como as coisas são construídas. Nós começamos com a compreensão desse aspecto ilimitado, que é o aspecto secreto. Então do mesmo modo que eu comecei explicando os 12 elos a partir disso, é justamente do aspecto livre que pode brotar qualquer coisa nova.

Então vamos supor que nós vamos fundar o “Esporte Clube Bacopari”. Isso é uma coisa nova. Antes de construir o Esporte Clube Bacopari, nós poderíamos ter construído qualquer coisa, como uma Associação de Proteção Ambiental Bacopari, algo assim. Mas vamos seguir por essa direção. Quando nós vemos que têm alternativas, nós vemos que poderíamos fazer qualquer coisa. Esse “poderia fazer qualquer coisa” é o aspecto secreto. Aí nós pensamos “time de futebol”. Mas o time não está construído, então o aspecto grosseiro não está estabelecido. Eu só tenho uma ideia vaga. Essa ideia vaga começa a definir o aspecto sutil, então o aspecto sutil começa a ganhar força: “O time vai ser misto”. Daí poderíamos alterar as regras do futebol também, “vai ser um jogo mais amistoso, mais budista”. Então seria “Esporte Clube Budista, etc.”, com outras regras. Nesse momento, nós criamos esse cenário, criamos essa ideia. Aí nós pensamos: “Bom, o campo nós já temos. Não só o time é misto, mas vai incluir o pessoal da terceira idade.” Aí nós vamos indo. E como nós vemos, tem energia, a energia aparece. Então o aspecto luminoso e o aspecto de energia constroem, no nível de alaya-vijnana, as marcas mentais, o samskara, os referenciais.

Os referenciais são construídos não só pela luminosidade da mente mas também por uma energia. Ali tem uma energia. Aí depois daquilo construído, nós não podemos dizer “Não, o time não pode ser misto, vai ser só time masculino.” Não há como recuar. Então esse é o aspecto sutil. Essa região é uma região onde nós estamos escolhendo o balizamento. Uma vez que os referenciais se estabelecem, surge o aspecto grosseiro: meias, camisetas, calção, juiz. Quando o aspecto grosseiro surge, aí surge uma mente que começa a raciocinar pelo time e fazer planos. Aí surge uma sensação de identidade. E nós vamos inventando todo tipo de referencial. Aí surge uma sensação de identidade, de nascimento, que nós queremos perpetuar esse time. É muito interessante como aí se estabelecem os

12 elos e aí de repente nós estamos sentindo que tem um corpo, que tem uma sensação, que tem um gostar ou não gostar, que tem apego, que tem uma sucessão de ações que nós queremos exercer e obter resultados, que tem uma clareza, “Nós somos o Esporte Clube Bacopari”, tem a nossa bandeira. Surge o 11o elo, estão todos jogando futebol, e em seguida a decrepitude: por alguma razão o estádio começa a ir mal, o time começa a ter problemas.

Assim surgem as identidades e o coração da identidade começa a bater e aquilo tudo parece que existe, mas não existe. Então o que melhor pode acontecer para uma construção desse tipo é, quando ela entra em decrepitude, nós dizemos: “Bom, mas isso veio pela sensação de que ela existia.” Aí tem o 11o elo e o 10o elo. Essa sensação de existência veio das experiências anteriores que nós jogamos aqui, jogou ali e aí surgiu aquele corpo. Isso veio de desejo-apego, ligado à sensação de gostar ou não gostar e à sensação de um corpo; e isso veio da operação da mente a partir daquelas primeiras ideias condicionadas, e aqueles condicionamentos vieram não sei de quê e a mente ficou estreitada. Mas essa mente estreita é a própria mente ampla. Então agora nós abrimos a mente e nós estamos livres do Esporte Clube Bacopari. Acho melhor nem fundar!

Esse caminho de volta é o caminho que dissolve aquela construção. Quando nós criamos uma construção artificial fica mais fácil de dissolvermos. Mas quando somos nós a construção artificial, ela não fica muito fácil de dissolver. Mas é uma coisa desse tipo, porque aquilo que nos constrói hoje é o mesmo que sempre nos construiu de um outro jeito em outro tempo, e um outro jeito em outro tempo e isso continua, é o aspecto secreto. O aspecto sutil é produzido por essa dimensão, ou seja, Kadag, que é vivo e ativo, e se manifesta como a Clara Luz, como Tsal, como lung, e como todas as construções que viram os referenciais e o balizamento, a partir do que, nós começamos a operar.

Então camada por camada do samsara, etapa por etapa, nós vamos consolidando outras visões e outras manifestações de corpo, nós vamos indo. E quando nós chegamos no 12o elo, é a decrepitude desse conjunto de aspectos. Mas a mente que está atrelada, operando esse conjunto de aspectos, ela é livre. Esse é o ponto. A liberação passa por esse aspecto. Isso não é um processo simples, simples, porque o próprio ser que pensa sobre isso, que busca a liberação, ele mesmo é um dos seres que vai ser dissolvido dentro desse processo. Então não é alguma coisa tão óbvia, tão fácil, mas o processo vai funcionar desse modo. O Buda vai explicar isso. Ele mostra como o 12o elo, ou seja a decrepitude – A decrepitude do quê? Decrepitude, adoecimento, velhice e morte – é a decrepitude do ser que está operando no 11o elo. Se nós entendermos que o processo de decrepitude, envelhecimento, doença e morte do 11o elo se dá dominado por avidya, ou seja, eu tenho uma estreiteza do que eu estou observando, então dentro dessa estreiteza, a decrepitude ocorre. Se a mente olhar de forma muito ampla, não há a decrepitude dessa mente muito ampla, o que há é a decrepitude como quando nós estamos jogando um jogo no tabuleiro. O rei foi para um canto, ele está em uma situação final. Mas a mente ampla não está presa nem ao jogo do tabuleiro. Mas, se nós colocarmos aquela mente operando exclusivamente dentro do jogo e das condições que estão, o menino ou a menina que estão jogando ali, eles passam mal, eles se incomodam, eles passam mal, eles têm uma sensação de morte mesmo, eles não estão querendo perder o jogo.

O 12o elo depende do 11o elo. Então tem um personagem no meio daquilo, vivendo as circunstâncias que estão ali. Esse personagem é a razão da morte. Ou seja, a fixação nesse personagem, num certo momento leva à sensação de morte, mas se nós ultrapassarmos avidya no 12o elo, nós liberamos direto. Então nós podemos ter liberação no momento da

morte, por exemplo. Então, o momento da morte é super importante. O budismo tibetano traz muito isso, a ênfase à contemplação do processo de morte. Porque o processo de morte é o processo da morte do personagem multifacetado, que inclui os aspectos grosseiros, o personagem de um tabuleiro. Então ele morre. Se nós pudermos perceber o aspecto livre mesmo dentro do 12o elo, é o melhor, o caminho direto. Direto, direto. Se nós não conseguimos, nós dizemos: “Bom ok, tudo bem.” Eu vejo isso porque eu tenho a existência no 11o elo, jeti. “Então eu joguei muitas vezes, estou jogando de novo, ninguém vai me dizer que isso não é real. Isso é real, eu estou jogando.” Então tá. Tudo bem. Aí nós estamos no 11o .

No 11o nós teríamos que encontrar a superação de avidya em meio à vida. Eu estou jogando, aí eu precisaria entender o aspecto amplo, independente daquele aspecto construído que está operando, etc. É isso. Se eu entender isso, aí eu tenho a liberação durante a vida. Se eu não entender isso, aí eu vou para a explicação de: “Não, mas eu surgi, de fato.” Aí é o 10o elo. O 10o elo é o nascimento, quando a pessoa nasceu, aí ela entrou dentro daquele jogo e aí começa o jogo. Então aquele jogo é uma consequência do nascimento anterior, o 10o elo. No 10o elo a pessoa pode de novo pensar: “Como é que eu surgi?” Pela expressão natural da liberdade eu terminei olhando referenciais e surgi a partir desses referenciais. Aí a pessoa pode voltar para a liberdade e dissolver aquilo que ela considera o surgimento, como a própria realidade da existência daquilo.

Aí a pessoa olha isso e pode atingir a liberação de avidya naquele momento. Seria uma liberação ao nascer. Isso não sendo possível, então o Buda diz, então olhe o elo anterior. O elo anterior propiciou esse nascimento. Então qual é o elo anterior? Muitas ações volitivas. A pessoa fez muitas coisas baseadas nos impulsos dela, obteve muitos resultados: a pessoa existe! Porque ela tem uma sensação de que ela é a mente que obtém aqueles resultados. Então quando ela olha isso, ela também pode ver diretamente o aspecto primordial livre daquela mente específica que está obtendo aqueles resultados. Ela pode ver isso. Se ela não ver, então ela não tem a liberação. Então ela remete para o item anterior, que é desejo-apego, trishna.

Então quando ela olha trishna, ela diz, “Eu surjo por esse desejo-apego.” Então agora ela olha assim. Está presa a esse desejo-apego? Tua mente não é livre, ampla? Desejo-apego não é uma mente particular, que surge num momento depois ela cessa, surge e cessa, surge e cessa? Não é isso. Olha. Tua mente é ampla. A pessoa diz: “Não, eu sou desejo-apego.” Então, tá. Está bem. Desejo-apego. Então esse desejo-apego surge de onde? Esse desejo-apego surge do que eu gosto e do que eu não gosto. Eu tenho desejo pelo que eu gosto, eu tenho apego ao que eu gosto, eu tenho rejeição ao que eu não gosto. E o que eu nem gosto, nem não gosto pouco me importa. Eu sou um ser verdadeiro! Então aí ele volta para a dimensão de desejo-apego.

Então agora nós vamos olhar. Bom, eu estou dentro de desejo e apego. O que tem de solidez nisso? Esse é um referencial verdadeiro? É um referencial limitante? Ele não é. A mente é livre! Tem desejo-apego, mas ela simplesmente vira as costas e não precisa ficar presa ao ambiente limitado de desejo-apego, não precisa ficar presa àquele foco.

Se a pessoa entender isso e recuperar o aspecto amplo, ela está liberta. Se ela não recuperar isso, aí o Buda pergunta: “Isso veio de onde?” Aí a pessoa diz: “Ah, isso veio de olhos, ouvidos nariz, língua e tato. É óbvio.” Aí o Buda pergunta: “Quando você olha desse modo isso é necessariamente assim ou você tem uma liberdade de mente?” A pessoa diz: “Isso é necessariamente assim.” Mas naquele momento ela poderia pensar, eu tenho

uma liberdade, porque nós treinamos longamente. Cada coisa que nós olhamos, aquilo pode parecer aquilo, mas se eu não tiver uma posição interna, eu não vejo daquele modo. Então nós reconhecemos que tudo o que nós estamos reconhecendo são construções inseparáveis do mundo de possibilidades internas, etc.

Nós vamos olhando desse modo. Mas, se a pessoa entender isso, ela atinge a liberação pelo prajnaparamita. Se ela não entender, ok. Então o Buda pergunta: “Mas isso vem de onde?” E a pessoa: “Ah isso vem dos meus olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente. Vem de shadayatana, vem dos órgãos dos sentidos. Aí o Buda tem discussões longas sobre como os órgãos dos sentidos operam. Isso está dentro do Surangama Sutra.

Ali o Buda vai nos ajudar a ver que nossa mente é muito mais ampla, ela independe do órgão do sentido, mas aí nós estamos presos aos órgãos dos sentidos. Então essa marca está ligada a vir a ser. Ela vai se tornar nítida quando nós temos um aspecto grosseiro que podemos associar àquela marca mental, no caso aquele medo. Aí outras pessoas olham, não têm medo nenhum. Esse é um ponto interessante. Especialmente com os animais porque nós temos muitos traumas de outras vidas também nessas relações.

Então a pessoa acaba trazendo essas marcas mentais que depois surgem como se fossem características do mundo grosseiro. Nós temos essas marcas mentais e isso corresponde a vir a ser. Então nós temos várias dessas marcas, que não precisam ser traumas, mas são marcas. Então, você é essas marcas? Sim, eu sou essas marcas! Mas você tem uma mente muito mais ampla do que isso. É, eu até posso pensar que tenho, mas eu não tenho de fato.

O Buda apontava isso. Um exemplo do Buda é assim: Se você se imaginar na beira de um precipício, você pode sentir vertigem. Se você imaginar que vai chupar limão, talvez você tenha uma [sensação de azedo]. Ele vai apontando essas coisas que nós manifestamos. Então nós temos marcas claras. Essas marcas surgem no mundo grosseiro, elas surgem como características do mundo grosseiro.

Aí nós estamos operando com isso, nós não somos isso, mas nós estamos surgindo com isso. Quando, por exemplo, nós vamos nos descrever, nós eventualmente vamos dizer: “Olha, eu passei por isso, passei por aquilo, aquilo me afeta.” Mas a maior parte das coisas nós compartilhamos com os outros porque eles também têm. Então aquilo parece totalmente normal. Nós olhamos o ambiente todo, tudo parece normal. Mas esse ambiente todo como nós estamos vendo depende dessas estruturas todas. Esse é o aspecto grosseiro dos aspectos sutis que nós manifestamos anteriormente, que nós portamos. Então isso é nama-rupa.

Aí, eu vendo isso, eu não consigo me libertar dessas marcas. Eu não consigo. Aí o Buda diz: Mas essas marcas vêm de onde? Aí nós olhamos os trajetos que nós fizemos através de vijnana. Então a nossa mente percorrendo isso, procurando os vários referenciais, nós vamos andando e essa viagem da mente vai criando essas várias estruturas, que são experiências da própria mente. Então, essas experiências de vijnana, nós podemos pensar, essa liberdade de percorrer o tabuleiro e as suas possibilidades, essa liberdade é a própria liberdade natural. Nós podemos ir além do tabuleiro. A pessoa: “Ah, não. Isso não.” Então não tem essa liberdade de ir além daquele conjunto de referenciais, que é o quê? Que é alaya-vijnana. Que é produzido pelos samskaras.

Aquele conjunto de referenciais fica mais evidente para nós quando temos um diálogo intercultural, porque as outras culturas se estabelecem segundo outros referenciais. Eles veem outras coisas. Eles, olhando a mesma floresta que nós olhamos, veem outras coisas. Eles, olhando as mesmas cidades, os mesmos lugares, veem outra coisa, porque eles têm outros conteúdos. Esses conteúdos são alaya-vijnana. Eles estão em outra secção de alaya-vijnana. Nós podemos terminar entendendo a secção deles e eles podem terminar entendendo a nossa secção. Não tem um problema, mas eles estão operando numa outra secção. Que é um pouco o que acontece também com as crianças. Elas estão operando em secções específicas, nós estamos em outras secções. Essa é a razão porque nós terminamos criando um processo de escolarização para todo mundo terminar mais ou menos na mesma região, operando na mesma região. Que parece, enfim, a região séria, a região verdadeira. E não é. Mas é a região dominante daquele segmento.

Mas aqui nós estamos no terceiro elo – vijnana. A operação da mente saltando pelos referenciais. Então se a pessoa entender que esse salto comum da mente já é o exercício da liberdade original, a pessoa ultrapassa os balizamentos usuais. Mas se a pessoa não perceber isso, então o Buda vai dizer: “Bom, de onde que vem, então, esse processo em que você está operando? “Aí a pessoa vai se dar conta que isso vem de marcas mentais que são os samskaras. sam é conjunto, samskara é conjunto de marcas.

Então a pessoa vai para o 2o dos 12 elos. Quando ela chega no 2o dos 12 elos, ela percebe que a mente é livre e poderia operar seguindo, ou seja, palmilhando as marcas mentais, reconhecendo as marcas mentais. Ela poderia operar livre das marcas mentais também. Mas a pessoa, não reconhecendo isso, ela é remetida então ao 1o dos 12 elos, que é avidya.

Então a pessoa testa ficar presa a um foco, outro foco, outro foco, outro foco. Ela tem a sensação de existência porque ela se mantém presa a um foco e isso é já a experiência de shamata impura, que já nos leva a isso.

Nós estamos parados, olhando, mantendo um foco. Aí nós só precisamos ver que nossa mente é ampla além desse foco. Ela é livre além desse foco. Esse é o aspecto secreto da própria shamata. Nós estamos fazendo isso porque nós estamos evitando entrar no terceiro elo, onde nós começamos a saltar de uma coisa para outra. Dentro desse foco eu posso descobrir o aspecto amplo. Se eu descobrir isso, então está resolvido. Se não, o Buda vai ter que dar um empurrãozinho nessa parte final. Avidya é essencialmente o foco e esse foco é criado. Eu posso retornar à situação ampla onde não há foco. Aí eu retorno à condição livre da mente.

Quando nós olhamos a condição livre da mente, nós estamos olhando com uma consciência interna. Essa consciência interna é Rigpa. Aí quando nós olhamos Rigpa, vemos que Rigpa nos acompanhou neste percurso todo dos 12 elos. Rigpa não cessa, Rigpa está incessantemente presente. Esse é o caminho que nos leva à sabedoria primordial.

Nós estamos seguindo esse texto de Gyatrul Rinpoche, “Iluminação (ou seja, clarificação) da Sabedoria Primordial”, que é essa capacidade interna de reconhecer o que é que a mente está fazendo quando ela está fazendo.

Aí nós repousamos sobre essa condição de Rigpa. Dessa condição, nós podemos re-elaborar todas as experiências dos 12 elos e reconhecer que em nenhum momento houve

efetivamente a dualidade. Nós sempre tivemos a não dualidade operando. Os objetos e a mente que observava os objetos, o tempo todo, eram sempre totalmente não duais.

Aí nós podemos começar a fazer novamente um trajeto para frente, ou seja, nós reconhecemos essa liberdade e nós vamos olhar avidya como um foco, que não perturba o aspecto amplo. Nós vamos olhar as construções – Samskaras – como construções luminosas, que eu posso tomar como referenciais, sem que eu precise ficar preso à sensação de que só tem essa possibilidade. Então eu olho as construções como expressões naturais da liberdade da mente em operar desse modo.

E nós olhamos vijnana como o processo da liberdade da mente que se permite tomar os referenciais, olhar para um lado e para o outro e construir mundos ilusórios, como times de futebol aqui no Bacopari, nós podemos construir isso, nós estamos livres para fazer isso, nós não precisamos ficar presos. Aí nós olhamos essas marcas e essas estruturas de resposta e começamos a encontrar, então, o campinho de futebol, os uniformes, nós começamos a olhar em volta e começamos a encontrar. É como alguém que procura uma chave de fenda e termina entrando na cozinha e pegando uma faca. Ou a pessoa precisa de uma enxada e, não tendo uma enxada, pega uma colher na cozinha. A pessoa tem as marcas mentais, aquilo está nítido. A pessoa olha e pensa: “Oh! “Está ali!” Esse encontro do mundo grosseiro, a partir de olhos, ouvidos, nariz língua e tato com essas estruturas internas.

Esse é o encontro do vir a ser com os olhos, ouvidos, etc., que vai resultar também no contato, que é o 6o elo aí nós gostamos ou não gostamos. “Não é que essa colher funciona super bem para cavar aqui? Que ótimo isso.” E aí tem o gostar ou não gostar. Disso tem desejo-apego, nós desenvolvemos apego pela colher: “Agora essa colher é minha, não é mais da cozinha” e disso surgem as ações volitivas. Nós seguimos fazendo as ações volitivas daquele modo, mas nós temos liberdade e a cada uma dessas coisas nós podemos sorrir, podemos sorrir para isso.

Aí surgem as nossas identidades e as nossas identidades em meio ao mundo e aí surge a decrepitude das identidades e o fim. Aí tem o dia em que o cozinheiro não é mais cozinheiro. Aí terminou! [risos]

No budismo tibetano tem isso, a liberação pelo riso. Eu acho interessante isso. Porque é quando quebramos a realidade do jogo. Nós estamos fixados, intensos naquela realidade, aquela realidade quebra e aí nós rimos. O riso é sempre isso. Tem uma tensão numa realidade, parece que não tem solução, aí nós rimos quando aquilo quebra. Então eu acho interessante nós olharmos um por um desses 12 elos. Nós olhamos primeiro a desgraça, depois nós vimos liberando a desgraça e depois nós entramos de novo rindo de cada um dos jeitos que nós podemos nos prender. Então esse processo nos ajuda a poder andar nos vários ambientes sem precisar ficar preso e sem precisar evitar os ambientes. Enfim isso é treinamento para bodhisatva. O bodhisatva tem que andar nos lugares mas não pode ficar preso.